

O Vídeo e a Nova forma de Ver

Dayana Manasses Ribeiro Silva

*Universidade federal do Pará- UFPa, Instituto de Ciências da Arte
#Faculdade de Artes Visuais, Bacharelado em Cinema e Audiovisual.

dayana_silva15@hotmail.com

Resumo

O presente artigo trata do vídeo como a nova forma de ver o audiovisual. Uma unidade da imagem digital constituída por linhas de varredura eletrônica. Essa imagem trabalha com a convergência do tempo e espaço além de sincronização e contaminação com outras mídias.

Atualmente a sociedade vive o processo de interatividade. Com o vídeo tornou-se mais fácil a aproximação do público com o produto consumido e com a produção de obras. Essa produção acaba depositando mais realidade à imagem videográfica livrando-a da função de objeto de identificação e na afirmação de Arlindo machado torna-se restituição do fato.

Partindo de uma sociedade imagética, e online, o Youtube forma novas práticas coletivas de comportamentos pela busca da eternização de lembranças e assume o caráter de arquivo global de produtos pessoais onde a representação de objetos torna-se mais importante que a contemplação do objeto em si adaptando novas fronteiras entre o público e privado.

1. Vídeo Como Convergência Audiovisual

Um dos aspectos mais interessantes do vídeo são sua possibilidade de transmutação, aquisição e implantação de parâmetros de outras linguagens, códigos, obras artísticas e mídias. Ele assume uma identidade muito forte na convergência atual das tecnologias de produção de linguagens e possibilita uma desconstrução na forma de vê-las, adequando uma bidirecionalidade no processo de transmissão.

O vídeo e sua varredura eletrônica de linhas digitais possibilitaram ao cinema e televisão se transportarem de um lugar ao outro e adquirir novos métodos com relação ao analógico x digital inclusive nos custos de produção. Esse transporte tão urgente e tão rápido possibilitou que o vídeo invadissem todos os lugares inclusive privados tornando-os públicos.

“O vídeo é a linguagem que permite pela primeira vez na história das imagens técnicas captar e exibir imagens e sons de forma simultânea. Isso significa a possibilidade de diálogos ininterruptos entre emissor e receptor” [Mello, Christine PP 52]

O *Youtube*© atualmente é um dos maiores sites de serviços *streaming* de mídia e é um catalisador desse diálogo ininterrupto e de convergência midiática. O público passa a produzir junto com o produto consumido tornando-se um crítico, como no caso dos *vlogueiros*, que periodicamente lançam vídeos e esses recebendo críticas com os “vídeos-respostas”. Essa é a expressão exata de que através do vídeo e outros avanços tecnológicos e no estudo da comunicação a forma de se vê foi mudada.

Christine Mello trabalha com a ideia de contaminação do vídeo como sendo suas interações com outros circuitos: “ação estética descentralizada em que o vídeo se potencializa como linguagem a partir do contato com outras linguagens” [pp 137]. É nesse ponto de interpelação que o vídeo passa a ser um ponto de convergência audiovisual “ele possui o poder de afetar e contaminar irreversivelmente a outra linguagem em diálogo” [pp 137]. Mas a contaminação mais interessante que o vídeo proporcionou foi com as *live images*. VJs com suas

performances de vídeo ao vivo, um tratamento de imagem no “aqui e agora” exemplifica aquilo que o vídeo, junto à TV tem de melhor, a arte do improviso.

A beleza do improviso é a falta de controle sobre o processo criativo e a pouca margem no planejamento de recepção do público, dessa forma o resultado a ser obtido é inesperado e isso abre espaço para criação/descoberta de novas estéticas. O vídeo permitiu a contaminação com as live images, pela sua inconstância “é observado em constante movimento e complexidade” [PP 139].

O vídeo estabelece uma cultura participativa, é comum que ele demande uma resposta àquele que vê é isso que o converge na multiplicidade do audiovisual, no caso dos trabalhos do VJs isso é bastante evidente, pois o público passa a interagir e fazer da parte da construção da linguagem e constituição total da obra. Pois imagens e sons sincronizados somam com a disposição das pessoas, e como trata-se de um vídeo/imagem ao vivo a experiência de contemplação da obra de arte torna-se única graças a essa interação e arranjo de público, sendo assim, cada pessoa constitui a relação emissão/recepção através de suas experiências sensoriais. Daí trabalhar com a ideia do vídeo como uma obra constituída de construção de sentidos.

“Os espetáculos de vídeo ao vivo, como uma forma de contaminação entre a videoperformance, a videoinstalação e a arte ao vivo, são um tipo de manifestação que diz respeito à questão do rompimento da hegemonia do gesto contemplativo na arte, à inclusão de múltiplos pontos de vista”. [Mello, Christine PP, 154].

2. Vídeo Como Representação Do Tempo Presente

Arlindo Machado em seus estudos trabalha com a seguinte distinção do tempo real x tempo presente: o tempo real seria a coincidência do tempo vivido pelos personagens na narrativa e o espectador na sala de projeção [Machado, Arlindo PP 137, 2000], e o tempo presente seria capacidade de mídias artísticas, como a televisão e o vídeo enunciarem ao seu espectador uma simultaneidade entre a emissão e recepção de sua narrativa.

“Consequentemente o relato videográfico ou televisual se realizado realmente em tempo real, não pode nunca manter a mesma coerência dos filmes citados, porque o material obtido está sendo constantemente maculado por anotações dispensáveis” [Machado, Arlindo PP 70,].

Trabalhar na ideia de que o vídeo representa o tempo presente significa implica-lo na absorção da realidade de percepção, pois aquilo a que assisto está sendo emitindo em tempo simultâneo de ocorrência dessa forma o vídeo, no âmbito das imagens, não abarca só a representação do fato, mas o fato em si. O mesmo autor discute a classificação dos produtos televisuais como efêmeros, porquanto a representação de um fato pode ser muito mais perecível do que o fato, visto como este pode se tornar esgotável por conter excesso de verdade.

O vídeo torna essa discussão. Metz em seu texto sobre a impressão da realidade no cinema [São Paulo: Perspectiva, 2012] trabalha com a distinção do “real” através da percepção causada pela realidade dos materiais usados e a impressão provocada pela diegese do ficcional. Para exemplificar ele distingue o cinema e o teatro, o ultimo por usar de mais de realidade nos seus dispositivos torna-se menos “acreditável” que o cinema.

No cinema o processo é inverso ao do vídeo, e pode-se afirmar que o olhar do espectador do cinema diferentemente do olhar do espectador do vídeo está muito mais voltado na busca pela identificação. Além do

público de cinema ainda estar condicionado a uma sala escura em que a imersão no mundo dos sonhos é muito mais favorável, portanto apesar do cinema ser apenas uma representação, habita um indicativo muito forte de realidade dentro da diegese cinematográfica graças a um longo processo cheio de anotações indispensáveis em sua construção, pois o cinema não usa da arte do improvisado (havendo claro suas exceções).

O fato de estarmos em um momento no qual o homem experimenta firmemente a imagem digital, os fluxos midiáticos nos permite um diálogo virtual em circuitos contínuos em que a produção caseira muito mais induzida de realidade (até pela improvisação no processo de feitura), nos permite muito mais absorver a ideia da “restituição do fato” com a imagem do vídeo.

3. Youtube e a sociedade: usuários em uma cultura participativa

Em nível de sociedade e contemporaneidade o *Youtube* demarca bem o paradoxo entre o “agora”, a “representação do agora” o “real”, os fortes indícios de realidade e a questão de quanta credibilidade o espectador deposita na imagem videográfica. Quando Arlindo machado afirma que o vídeo é a restituição do fato contrapondo-o ao cinema como apenas um “presente simulado”, elucida bem o fenômeno atual decorrente do Youtube.

No Youtube podemos encontrar uma variedade de imagens classificadas em grupos de interesses como canais que se ocupam exclusivamente (ou quase) em gravar imagens-movimentos de fatos ocorridos, os canais “jornalísticos”, e canais que de forma humorística representam as práticas da sociedade contemporânea.

A respeito do real, a imagem eletrônica online é demarcada por um paradoxo mesmo em produções ficcionais feitas para a internet. O vídeo permite afastar o olhar do espectador de uma imersão completa no mundo dos sonhos e o conceito de real passa a assumir “interpretações”. Além de ponto de identificação (como em outras linguagens, sobretudo no cinema) o real na imagem videográfica no espectador assume um caráter jornalístico e nostálgico de tal maneira que seja o fato ou a “representação do fato” transformaram-se em arquivos. E tais arquivos surgem como acervo.

Com o fluxo contínuo de sedução audiovisual Arlindo machado atenta para a questão da observação do poder da informática, TV e vídeo. O vídeo trouxe uma nova forma de ver. Lorenzo Vilches em seu livro *A Imigração Digital* alega que a mídia digital instaurou uma verdadeira revolução no campo da imagem, mudando de maneira radical nossa relação com o visível e com as formas dos objetos que produzimos e percebemos e consequentemente assim as novas imagens produzidas e percebidas modificam tais objetos (p 253, 2003).

“Gostem ou não gostem, a mídia está permanentemente presente ao seu redor, despejando o seu fluxo contínuo de sedução audiovisual. A eletrônica e a informática invadem todos os espaços, mesmos os mais privados, e é bem provável que os próprios poetas já estejam escrevendo seus poemas numa tela de computador”. [Machado, Arlindo PP 207, 2000]

Essa transformação atual na forma de perceber e representar o objeto visual denota aquilo que Christine Mello nomeia de “cultura compartilhada”. Esse hibridismo constante e efêmero que outras linguagens artísticas-midiáticas juntamente com o vídeo (representante do audiovisual digital) compõe em uma convergência.

A importância disso está justamente pela formação da sociedade atual que apreendeu (ou vem apreendendo) inconscientemente esse elemento como uma estética para elaboração de estratégias discursivas. Daí afirmar que um poema, uma música ou diário pessoal não é apenas literatura, mas base para um roteiro de teatro ou cinema, uma matéria de jornal é motivo para uma manifestação artística em performances, instalações vídeo *mapping* e cinema, vídeo e TV também são objetos de estudos científicos.

A estética da comunicação é diretamente dependente da tecnologia disponível na época vigente. O hibridismo vivido pela contemporaneidade é parte primeiramente de avanços tecnológicos atuais e pela forma como o vídeo conseguiu adaptação em vários meios tecnológicos como ferramenta “midio-artística”, além de que seu(s) dispositivo(s) de reprodução não são exclusivos e sim interativos e inteligentes. O vídeo com o caráter de múltiplas funções adquiriu a capacidade de transpor-se desde ao comércio industrial até a produção caseira de memórias pessoais.

3.1 Youtube entre o efêmero e as novas perenidades

Trabalhando com a ideia do Youtube como um veículo estático audiovisual, um veículo que caminha pelo espaço e sobretudo pelo tempo e chega no limite entre o efêmero e o perene. Segundo o site do Youtube mais de um bilhão de pessoas são usuárias do site e cerca de 300 horas de vídeo são enviadas por minuto todos os dias, é inegável sua importância hoje na forma de como vemos a sociedade.

Desde os tempos pré-históricos o homem sempre foi um ser imagético. Isso se intensificou com a pós modernidade, é comum a ansiedade do homem atual em muito mais registrar imagens a contemplar o objeto em si, o meio virtual transformou-se numa espécie de prótese do meio real. Luíz Miguel Loureiro trabalha o Youtube como um “não lugar” sem fronteiras onde tudo é cabível. Talvez por isso o sucesso da sedução audiovisual é tão grande, pois é possível transpor as barreiras do espaço físico com o tempo presente na possibilidade de infinidade.

Sendo o Youtube um veículo estático que caminha sobretudo no tempo. Essas centenas de carregamentos por minuto o mantém na inércia. “O Youtube é um repositório do esquecimento global e, no entanto ele se projeta permanentemente no desejo da lembrança” (Loureiro pp 169). Esse serviço de *streaming* sem dúvidas é um grande álbum coletivo, a cada novo vídeo a experiência da interatividade é alimentada pela necessidade do falar-e-ser-ouvido.

O Youtube deu a capacidade para o ser humano de se auto emitir em uma grande rede de interatividade, mas ao passo que nos emitimos caímos em um congelamento temporal, cada vídeo é um corpo estático esperando ser acionado por uma simples palavra-chave numa caixa de busca (Loureiro pp 165) ou visualizados em uma lista de “vídeos relacionados”. Esse é o limite que o Youtube alcança entre o perene e o efêmero. Sendo um arquivo de dimensões imensuráveis capaz de eternizar e restaurar lembranças, mas se não ativadas (e continuamente ativadas) caem no esquecimento após uma momentânea circulação.

4. Considerações Finais: A Linguagem da Televisão e Vídeo

“Do fato de não haver tempo para a filtragem do material, da parte dos agentes enunciadore, não se pode concluir, todavia, que também não há tempo para reflexão, da parte dos espectadores. A televisão não se resume a uma única emissão: ela consiste num fluxo ininterrupto de imagens e sons, que progride diariamente diante de nossos olhos e ouvidos, perfazendo portanto, um processo, ao longo do que o espectador *pode* formar uma opinião. A diferença, em relação a outros meios é que a reflexão do espectador, por se dar ao vivo, ou seja num processo que ainda está em andamento” (Machado, Arlindo pp 129, 2000)

Arlindo Machado atentava para a desvalorização da televisão e vídeo na classificação de linguagens artísticas, mas contrapõe isso ao fato de que a tevê e o vídeo possuem a capacidade de se emitir ao vivo, a primeira mídia com tal capacidade. Sendo essa sua principal característica e assim como o tratamento da imagem ao vivo feita pelos VJs, com a liberdade de descoberta de novas estéticas o vídeo torna-se um campo experimental de novas produções e novos olhares. No campo da inovação audiovisual a televisão ganha aspecto importante na sua poética de transmissão graças ao conceito de tempo presente. Essas mídias tornam cada elemento, mínimo que seja, um material indispensável para sua constituição. Essa incerteza no processo de criação permite a imagem videográfica sua contaminação com outras linguagens ainda submissas a padrões renascentistas.

Com uma linguagem livre e efêmera o vídeo permite desconstruir e modificar arquétipos e abrir possibilidades para novas escolhas técnicas, aproximar o público e propor um grande fluxo midiático em que possa se intensificar ainda mais a cultura de participação. Além de continuar a mudar a forma de ver de seu público.

5. Referências Bibliográficas

Mello, Christine. *Extremidades do vídeo*. São Paulo: editora Senac São Paulo, 2008

Machado, Arlindo. *A televisão levada a sério*. São Paulo: editora Senac São Paulo, 2000

Machado, Arlindo. *A arte do Vídeo*. São Paulo: Brasiliense, 1995

Arquivos globais de vídeo na internet: entre o efêmero e as novas perenidades. O caso do Youtube (Luíz Miguel Loureiro, 2007). Acesso em abril de 2015. Disponível em: <<http://revistacomsof.pt/index.php/comsof/article/view/1102>>

Youtube: novas práticas dos usuários em uma cultura digital (Tânia Ferrarin Olivatti, 2008). Acesso em abril de 2015. Disponível em: < http://www2.faac.unesp.br/pesquisa/lecotec/eventos/simposio/anais/2008_Lecotec_256-267.pdf >

METZ, Christian. A respeito da Impressão de Realidade no Cinema in *A Significação no Cinema*. São Paulo: Perspectiva, 2012. PP 15-28

Estatísticas Youtube. Acesso em maio de 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/yt/press/pt-BR/statistics.html>>